

UMA AGENDA DE EIXOS TEMÁTICOS ARQUITETÔNICOS E URBANÍSTICOS NO SÉCULO XXI: A CONSCIÊNCIA SOCIAL

AN AGENDA OF ARCHITECTURAL AND URBAN THEMES IN THE XXI CENTURY: THE SOCIAL CONSCIENCE

UNA AGENDA DE TEMAS ARQUITECTÓNICOS Y URBANÍSTICOS EN EL SIGLO XXI: LA CONCIENCIA SOCIAL

1º AUTOR

TAVARES, Maria Cecília Pereira; Doutora pelo IAU USP; Docente da Universidade Federal de Sergipe; Aracaju-SE; Brasil; ceciliatavares@terra.com.br

2º AUTOR

PEREIRA, Márcio da Costa; Doutor pela FAU USP; Docente da Universidade Federal de Sergipe; Aracaju-SE; Brasil; marcio.cp@terra.com.br

RESUMO

A partir de pesquisa realizada em documentos que abordam a profissão da arquitetura e sua formação foram identificados quatro eixos temáticos de relevância para o século XXI: consciência social, interculturalidade, processo de projeto revisado a partir do pensar digital, e a ecologia relacionada ao ecossistema urbano e a biotecnologia na produção do design. A introdução traz uma justificativa com o estado da arte da arquitetura neste século e explicita a seleção destes eixos temáticos como relevantes. Neste artigo

focalizaremos o primeiro eixo temático: a consciência social, diferente da responsabilidade inerente da profissão se apresenta como urgência na formação e na prática da profissão. Serão referenciados conceitos e exemplos com essa abordagem com o objetivo de fomentar um debate e uma reflexão.

Palavras-chave: consciência social; século XXI; resistências urbanas.

ABSTRACT

From research conducted in documents that address the profession of architecture and its education were identified four important issues for the twenty-first century: social awareness, intercultural, the revised design from digital thinking process, and ecology related to urban ecosystem and biotechnology in the production design. The introduction brings a justification with state of the art of architecture in this century and explains the selection of these issues as relevant. In this article, we will focus on the first theme: the social conscience, different from the inherent responsibility of the profession itself as emergency training and practice of the profession. Will be referenced concepts and examples to this approach in order to foster debate and reflection.

Key-words: social consciousness; twenty-first century; urban resistance.

RESUMEN

De la investigación llevada a cabo en los documentos que se ocupan de la profesión de la arquitectura y su formación se identificaron cuatro temas importantes para el siglo XXI: la conciencia social, interculturalidad, el proyecto revisado del proceso de pensamiento digital, y la ecología relacionada con el ecosistema urbano y la biotecnología en el diseño de producción. La introducción aporta una justificación con el estado del arte de la arquitectura de este siglo y explica la selección de estos temas tan relevantes. En este artículo nos centraremos en el primer tema: la conciencia social, diferente de la responsabilidad inherente de la propia profesión, formación de emergencia y la práctica de la profesión. Se hará referencia a los conceptos y ejemplos de este enfoque con el fin de fomentar el debate y la reflexión.

Palabras clave: conciencia social; siglo XXI; resistencia urbana.

UMA AGENDA DE EIXOS TEMÁTICOS ARQUITETÔNICOS E URBANÍSTICOS NO SÉCULO XXI: A CONSCIÊNCIA SOCIAL

INTRODUÇÃO

Desde as últimas décadas do século XX tem-se assistido a grandes transformações no cenário social, econômico e político mundial. O ritmo acelerado de lançamentos no setor tecnológico acarretou uma dependência de se estar conectado através de celulares, internet e *iPads*, tanto para o convívio social como para o trabalho ou para o estudo. A conexão em rede em grande escala foi certamente o motor das transformações, gerando uma economia Informacional e global (CASTELLS, 1999). Esta situação teve seus reflexos nas estruturas sociais e trouxe novos desafios a serem enfrentados. A concentração nos centros urbanos com mais de 50% da população mundial habitando em cidades é um dos desafios mais urgentes. As cidades devem repensar as questões de deslocamento, habitação e equipamentos públicos e associar a elas a visão social que se tornou primordial.

Pareceu-nos óbvio que este contexto se relaciona diretamente à prática profissional e, portanto, exige uma revisão de conceitos na formação do profissional. Este tema tem sido amplamente debatido a partir do consenso de que a formação acadêmica e profissional deve ser um processo dinâmico que acompanha as mudanças do contexto social, econômico e político.

Os parâmetros utilizados para esta pesquisa foram as leituras de quatro documentos relacionados à formação acadêmica e, portanto, profissional dos arquitetos:

1. A Carta da UNESCO/UIA para a educação arquitetônica editada em 1996 e revisada em 2011 e o documento complementar “*UIA and architectural education reflections and recommendations*” (2011);

2. O documento europeu que procurou convergências dos cursos a partir do Tratado de Bolonha "*Towards a competences based architectural education: Tuning architectural education structures in Europe*"¹ (ENHSA, 2007);

3. A revisão proposta pela ABEA (Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo) da Resolução no. 2, de 17 de junho de 2010, da Câmara de Educação Superior, do Conselho Nacional de Educação² (ABEA, 2013) e;

4. O documento do Sistema ARCUSUR³ de 2008, "*Criterios e Indicadores para la Acreditación Regional de Carreras de Grado de Arquitectura*", da "*Comision Consultiva de Expertos de Arquitectura del Mercosur*".

Apesar de terem sido criados com propósitos diferentes representam o pensamento para o perfil do profissional do século XXI e evidenciam a consciência social, que é citada em todos os documentos, sem exceção.

O documento da UIA apresenta um diferencial ao recomendar o trabalho com novos nichos sociais e enfatiza entre as competências dos egressos: "a capacidade de agir com conhecimento da sociedade e trabalhar com usuários que representam as necessidades da sociedade". E, ainda: "Capacidade de desenvolver diretrizes a partir das necessidades sociais" (UIA, 2011, p. 12).

Para o ENHSA (2007), trata-se da "compreensão da profissão de arquitetura e do papel do arquiteto na sociedade, em particular pela elaboração de projetos que levem em consideração os fatores sociais".

No ARCUSUR: "A capacidade de interpretar demandas individuais e coletivas da sociedade em seus aspectos culturais e ambientais relevantes".

O documento da ABEA faz referência à consciência social no perfil do egresso que difere em palavras, mas contém o mesmo sentido da recomendação do ARCUSUR. Nas competências reitera a necessidade do "conhecimento dos aspectos antropológicos,

¹ Documento criado a partir do Tratado de Bolonha que cria bases para a execução deste tratado nos cursos de Arquitetura e Urbanismo europeus.

² Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo.

³ Setor Educativo do MERCOSUL - espaço de coordenação das políticas educativas que reúne os países membros e associados do MERCOSUL, desde dezembro de 1991.

sociológicos e econômicos relevantes e de todo o espectro de necessidades, aspirações e expectativas individuais e coletivas quanto ao ambiente construído".

Nota-se que o documento da UIA é o mais claro no sentido de trabalhar com a demanda da população que realmente é carente dos serviços profissionais de arquitetos e urbanistas. Os documentos do ARCUSUR e da ABEA coincidentes em sentido inserem a questão cultural como fator importante para a interpretação de uma demanda e neste sentido podemos inclusive relacionar com uma competência intercultural.

Além da consciência social todos os documentos enfatizam os cuidados com o meio ambiente com exceção do documento do ENHSA. O documento da UIA apresenta o tema entre as competências necessárias dos egressos e relaciona essa questão aos diferentes aspectos: conhecimento dos sistemas naturais e dos ambientes construídos, compreensão das questões relacionadas aos resíduos, ciclo de vida dos materiais, impacto ambiental, projeto com uso reduzido de energia e uso de sistemas passivos. A demografia e os recursos locais e mundiais são abordados associando consciência global a estas ações. Observa-se ainda a necessidade de se agregar conhecimentos mais amplos que se conectam a áreas do conhecimento vindas tanto da biologia como da física. O estudo dos materiais não se restringe à resistência e propriedades, mas deve ser entendido em seu ciclo de vida e, portanto, sua escolha deve considerar a questão ambiental. O documento da ARCUSUR também se refere aos cuidados com o meio ambiente ao citar aspectos sociais, econômicos, históricos, culturais e ambientais na produção de projetos de arquitetura sem dar ênfases específicas.

O documento brasileiro apresentado pela ABEA, assim como o da UIA, faz referência ao cuidado com o meio ambiente, sem, contudo, incluir a consciência global. O tema está presente no perfil do profissional que deve ter "a capacidade de empreender o desenvolvimento humano e a aplicação de tecnologias que assegurem o equilíbrio dos ambientes naturais e construídos e a utilização dos recursos disponíveis" (ABEA, 2013, p. 8). Entre as competências há a afirmação da necessidade da compreensão dos aspectos ambientais para avaliar impactos que possam decorrer da interferência construída na paisagem e com o objetivo de atender ao equilíbrio ecológico e ao desenvolvimento sustentável.

Outro tema importante e que se repete nos documentos é o uso da informática na produção e representação de trabalhos profissionais e também como ferramenta de pesquisa. Apesar de não conter referências no perfil do egresso nem em suas competências e habilidades o documento da UIA, como já foi mencionado, utiliza o uso do adjetivo "imperativo" em relação ao conhecimento e utilização de ferramentas computacionais na formação dos profissionais de Arquitetura.

Já no documento europeu do ENHSA (2007, p. 14) estas questões estão presentes nas competências genéricas. Leva a entender que a recomendação poderia ser feita em qualquer área do conhecimento: "Grande habilidade no uso de computadores incluindo o uso da internet de maneira crítica como um meio de comunicação e fonte de informação". E nas competências relativas à pesquisa novamente há esta recomendação com a especificidade do conhecimento dos recursos possíveis como estatísticas, métodos cartográficos e criação de base de dados.

No documento do ARCUSUR (2008, p. 3) a referência não é direta, mas pode-se subentender no perfil do egresso que inclui "capacidade de produzir projetos de arquitetura de diferentes escalas de maneira criativa dotados de consistência nos aspectos instrumentais, técnico-construtivos e expressivos [...]". Na estrutura curricular do ARCUSUR, dividida em quatro áreas (projeto, representação e comunicação, tecnologia produção e gestão e história e teoria e crítica) a área de representação e comunicação traz a afirmação: "o conhecimento e domínio de diversas técnicas de representação e comunicação é fundamental para a formação dos arquitetos", aqui também a questão do uso de computadores fica subentendida.

No caso brasileiro consta nas competências e habilidades das Diretrizes Nacionais Curriculares de 2010 "As habilidades de desenho e o domínio da geometria e de outros meios de expressão e representação, maquetes e imagens virtuais". O documento da ABEA que apresenta uma revisão deste texto em 2013 trouxe uma atualização ao modificar o texto existente: "As habilidades de desenho e o domínio da geometria e de outros meios de expressão e representação, pelos vários tipos de projeções tais como modelagem geométrica, maquetes e imagens virtuais e de suas aplicações na concepção de projeto" (ABEA, 2013, p. 10), referindo-se especificamente às possibilidades do uso de tecnologias computacionais.

Os três documentos internacionais são centrados na questão da mobilidade, das redes de conhecimento e na interculturalidade e o documento nacional não faz referência a estes temas.

Desta leitura foram destacados quatro temas que devem ser abordados e incluídos nas reflexões atuais sobre o perfil do arquiteto: consciência social, cuidados com o meio ambiente, uso da informática/redes de conhecimento e interculturalidade /mobilidade, como novos instrumentos de produção de conhecimento. Estes documentos se baseiam no contexto globalizado do século XXI e esses quatro temas compõem uma agenda para a renovação da formação em arquitetura.

Estes temas identificados na pesquisa visam contribuir para a atualização dos projetos pedagógicos dos cursos de arquitetura e a urgência de serem inseridos no contexto da formação profissional. Assim a contribuição final dessa pesquisa é a atualização do perfil dos formandos visando sua atuação profissional no âmbito global quanto local.

A seguir será feita a abordagem do tema 'Consciência social' expressa nos vários movimentos de participação coletiva e cada vez mais presentes na cena urbana.

1. CONSCIÊNCIA SOCIAL

Entende-se que as cidades têm-se estruturado a partir dos interesses do mercado imobiliário e que o grande desafio é conseguir inserir neste contexto os interesses sociais. Por este motivo enfatizamos neste texto a consciência social: a apropriação do espaço urbano, os conceitos de resistência, o colaborativismo e a interculturalidade associados à presença e utilização das teorias de informação. A responsabilidade social é inerente à profissão e pode-se afirmar que já se apresentava nos princípios modernos. Para diferenciar desse contexto preferiu-se utilizar o termo 'consciência social' identificado também por Fernando Lara e Luiz Carranza (2015) entre os tópicos dos projetos do século XXI.

Para Arantes as cidades como expressão cultural de relações sociais são vistas como um produto e o mercado aplica este conceito para a valorização de territórios que se configuraram como a “cidade-negócio”.

Embora se saiba que as cidades modernas sempre estiveram associadas à divisão social do trabalho e à acumulação capitalista, que a exploração da propriedade do solo não seja um fato novo, e que haja - como mostrou à exaustão Lefebvre e depois toda a geografia humana recente - uma relação direta entre a configuração espacial urbana e a produção ou reprodução do capital, como estamos vendo, há algo de novo a registrar nessa fase do capitalismo em que as cidades passaram elas mesmas a ser geridas e consumidas como mercadorias. Daí a novíssima luz retrospectiva que a redescritção da cidade-empreendimento segundo Peter Hall lança sobre a atual revisão da cidade-máquina-de-crescimento formulada há quase vinte e cinco anos por Molotch. Tese elaborada a partir de uma constatação paradoxal: a cidade-negócio está ancorada numa pseudomercadoria, o solo, um outro nome para a natureza, que aliás não foi produzida pelo homem, muito menos para ser vendida num mercado. A "tese" em questão nada mais é, portanto do que uma explicitação da contradição recorrente entre o valor de uso que o lugar representa para os seus habitantes e o valor de troca com que ele se apresenta para aqueles interessados em extrair dele um benefício econômico qualquer, sobretudo na forma de uma renda exclusiva. A forma da cidade é determinada pelas diferentes configurações deste conflito básico e insolúvel. (ARANTES; VAINER; MARICATO, 2002, p. 26).

Segundo o geógrafo britânico David Harvey:

[...] vivemos, na maioria, em cidades divididas, fragmentadas e tendentes ao conflito. A maneira pela qual vemos nosso mundo e a maneira pela qual definimos suas possibilidades quase sempre estão associadas ao lado da cerca onde nos encontramos. A globalização é a guinada em direção ao neoliberalismo enfatizaram, ao invés de diminuir, as desigualdades sociais. O poder de classe foi restaurado às elites ricas. Os resultados foram indelevelmente gravados nas formas espaciais de nossas cidades, que cada vez mais tornam-se cidades "de fragmentos fortificados". (HARVEY, 2013, p.49)

Assim como Arantes, o autor vê nessas configurações urbanas desiguais um dos agentes responsáveis pela situação de conflito social.

A historiadora Celeste Olalquiaga enxerga uma possibilidade de resistência para estes conflitos: ou nos deixamos levar pelos encantos das fantasias criadas ou tiramos proveito do real expandido, da dissolução dos limites e fronteiras. Para Olalquiaga essa opção aparece como uma decisão crítica:

Podemos simplesmente desfrutar dos inegáveis encantos de uma anulação 'psicastenica'⁴ no espaço, modificando nossos hábitos, adaptando-os a cada cenário novo e tentador, seja Disney World ou internet, ou podemos transformar o processo, aproveitando-nos de seu âmbito espacial expandido, de suas fronteiras indefinidas, de

4 Psicastenia: uma perturbação na relação entre o ser e o território circundante, uma incapacidade problemática para localizar as fronteiras de nossos próprios corpos (OLALQUIAGA apud SOJA, 2008, p. 461).

sua ruptura com estruturas rígidas, de sua flexibilidade e de sua fragmentação, com o objetivo de termos uma práxis espacial mais criativa de transgressão, de encruzilhada de fronteiras, de trabalho com o limite e de compromisso com o direito de ser diferente - que possa reorientar a difusão da hiper-realidade de seus canais essencialmente conservadores para objetivos mais progressistas⁵. (OLALQUIAGA apud SOJA, 2008, p. 462; tradução nossa).

A geógrafa Ester Limonad⁶ (2005) defende a necessidade de outro planejamento e outra forma de construir a cidade. A autora faz referência ao manifesto lançado no Colóquio Internacional “*El futuro de las ciudades*”⁷, realizado em 2004 na cidade de Guadalajara e assinado por especialistas da área, entre eles os urbanistas catalães Jordi Borja e Oriol Bohigas. O manifesto investe contra a indústria imobiliária e a favor de um urbanismo que defenda os interesses públicos assim como o compromisso social e a ação comprometida por parte dos cidadãos. Para Limonad:

Os movimentos sociais, todavia, apresentam exigências diferenciadas, com base nas necessidades que se impõe historicamente para garantir a reprodução social da família e do cotidiano. Constituem, assim, uma expressão da contradição latente entre a produção social do espaço e sua apropriação privada que limita e restringe o acesso a bens e serviços. A reprodução da vida social, da família, dos trabalhadores, entra em contradição com as práticas espaciais hegemônicas que produzem a cidade, com a subsunção dos lugares de encontro e de vida aos espaços monumentais dos projetos que tornam a cidade um objeto global, e que nada mais são do que uma expressão do espaço abstrato do capital e do Estado, que fazem ouvidos moucos às reivindicações populares.

É necessário mais que nunca denunciar o urbanismo especulativo que em nome da identidade local e projeção nacional e internacional destrói os significados urbanos identitários ao nível local. (LIMONAD, 2005).

5 Trecho original: “Podemos disfrutar simplemente de los indudables encantos de una disolución psicasténica en el espacio, cambiando nuestros hábitos adaptándolos a cada nuevo y tentador escenario, ya sea Disney World o internet. O podemos darle la vuelta al proceso, aprovechándonos de su ámbito espacial expandido, de sus borrosas fronteras, de su ruptura con las jerarquías rígidas, de su flexibilidad y de su fragmentación, con el fin de comprometernos en una praxis espacial más creativa de transgresión, de cruce de fronteras, de trabajo en el límite y de compromiso con el derecho a ser diferente que pueda reorientar la difusión de la hiperrealidad desde sus canales esencialmente conservadores hacia objetivos más progresistas.” (OLALQUIAGA apud SOJA, 2008, p. 462).

6 Geógrafa e arquiteta brasileira residente em Barcelona.

7 Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-551.htm>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

Edward Soja⁸ (2008) afirma que a territorialidade é um fenômeno cultural, multidimensional e coletivo e o espaço público é constituído de espaços de produção que oportunizam a expressão da diferença.

A proposta de Olalquiaga nos indica um caminho transgressor em que o espaço público mantém sua característica de local de enfrentamento de conflitos e a transformação deriva da criação de simulações subversivas e da coexistência de comunidades ecléticas. Seu exemplo é o ativista mexicano *Superbarrio* que encarna um super-herói cuja missão é defender e proteger os direitos dos homens comuns. Um personagem local que se apropria da imagem global do super-herói ao que ela chama de “hiper-realismo paródico”.

A arquiteta Paola Berenstein Jacques (2009), em seu artigo “Notas sobre espaço público e imagens da cidade”, defende a vitalidade dos espaços públicos contemporâneos a partir de uma ação de resistência possibilitada pelo sensível. A autora defende a coexistência e a permanência das diferenças através da intervenção da arte. Nesse contexto não se entende a arte como peça de adorno que colabora na criação do espetáculo, mas a arte como “experiência sensível questionadora de consensos estabelecidos e, sobretudo, potência explicitadora de tensões do e no espaço público, em particular diante da atual despolitização e estetização consensual dos espaços urbanos.” (JACQUES, 2009).

Nesse contexto da partilha do sensível a arte se torna uma ação política, trabalha na transgressão, como uma forma de “perturbar” a imagem tranquilizadora do espaço público. Para Jacques se tratam de “micro resistências urbanas” e para a filósofa Chantal Mouffe (apud JACQUES, 2009) “intervenções contra hegemônicas”, ou seja, uma forma de apropriação do espaço urbano.

Para Mouffe a produção artística não poderá ser separada da política: “Do ponto de vista da teoria da hegemonia, as práticas artísticas exercem um papel na constituição e manutenção de uma ordem simbólica existente ou em seu desafio e é por isso que

⁸ Geógrafo e planejador urbano, professor na UCLA.

necessariamente tem uma dimensão política.⁹” (MOUFFE, 2007; tradução nossa). Quando desempenham seu papel desafiador, se tornam intervenções contra hegemônicas:

Eu considero que para entender o caráter político desses diversos ativismos artísticos devemos vê-los como intervenções contra hegemônicas cujo objetivo é ocupar o espaço público a fim de interromper a imagem suave que o capitalismo está tentando difundir, trazendo a tona seu caráter repressivo¹⁰. (MOUFFE, 2007; tradução nossa).

É nessa condição que a autora vê como a principal contribuição das práticas artísticas a revelação dos conflitos existentes no espaço urbano através de um enfoque agonístico, ou seja, um enfoque de combate contra a hegemonia.

De acordo com o enfoque agonístico a arte crítica é a arte que promove a oposição, torna visível o que o consenso dominante tende a obscurecer e ocultar. É constituída por múltiplas práticas artísticas que visam dar voz a todos àqueles que são silenciados pela hegemonia existente.

“A meu ver este enfoque agonístico é particularmente adequado para compreender a natureza das novas formas de ativismo artístico que surgiram recentemente e que, em uma grande variedade de formas, destinam-se a desafiar o consenso existente”¹¹. (MOUFFE, 2007; tradução nossa).

A autora cita entre os ativismos artísticos grupos como “*Reclaim the streets*” na Inglaterra, o “*Tute Bianche*” na Itália e o “*Nike Ground-Rethinking Space*” na Áustria, entre outros. O “*Reclaim the streets*” foi um coletivo criativo ativista que atuou em Londres no final dos anos de 1990 até o início dos anos 2000. Sua tática era misturar festa e protesto, um

⁹ Trecho original: “From the point of view of the theory of hegemony, artistic practices play a role in the constitution and maintenance of a given symbolic order or in its challenging and this is why they necessarily have a political dimension.” (MOUFFE, 2007).

¹⁰ Trecho original: “I submit that to grasp the political character of those varieties of artistic activism we need to see them as counter-hegemonic interventions whose objective is to occupy the public space in order to disrupt the smooth image that corporate capitalism is trying to spread, bringing to the fore its repressive character.” (MOUFFE, 2007).

¹¹ Trecho original: “According to the agonistic approach, critical art is art that foments dissensus, that makes visible what the dominant consensus tends to obscure and obliterate. It is constituted by a manifold of artistic practices aiming at giving a voice to all those who are silenced within the framework of the existing hegemony.

In my view this agonistic approach is particularly suited to grasp the nature of the new forms of artistic activism that have emerged recently and that, in a great variety of ways, aim at challenging the existing consensus.” (MOUFFE, 2007).

movimento anticapitalista, que queria as ruas como verdadeiro espaço público para o uso e prazer de todos e não para as cabines individuais dos carros e do comércio¹². A primeira festa de rua promovida pelo coletivo aconteceu em maio de 1995 no norte de Londres. A ação se espalhou pela Europa e em maio de 1998 setenta cidades promoveram festas de rua no momento em que acontecia o encontro do G8. A organização era bastante simples: os convites eram enviados pelas redes sociotécnicas, uma instalação de um sistema de som e a ocupação das ruas. Meios muito mais divertidos do que um simples protesto político. As informações sobre este coletivo foram obtidas no site da internet '*Beautiful Trouble*', um projeto que pesquisa e reúne os vários coletivos criativos ativistas de todas as partes do mundo e descreve suas táticas com o objetivo de estimular a difusão desta prática.

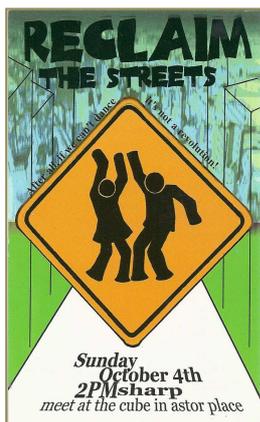


Figura 1: Folder do movimento Reclaim Streets. Fonte: BEAUTIFUL TROUBLE, 2014.

Em Berlim algumas experiências ocorreram fora da instância dos planejadores. Foi o caso da “utilização intermediária” de prédios abandonados, que são ocupados e colocados “em uso criativo”. Estes espaços associam arte, entretenimento, estética e diversão noturna, nas palavras de Jens Bisky (2006). A “*Tachelles*” é a experiência mais conhecida em que o antigo centro cultural do parlamento alemão oriental, parcialmente demolido, se transformou em galeria de arte temporária, ocupada por artistas e intelectuais. Essa ocupação impediu que o prédio fosse demolido e revitalizou uma área antes degradada.

¹² Informações obtidas no site *Beautiful Trouble*, disponível em: <<http://beautifultrouble.org/case/reclaim-the-streets/>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

Um exemplo de experiência coletiva independente e de apropriação de um terreno abandonado por parte da população.

No Brasil experiências como estas têm surgido em diversas cidades. As ocupações e manifestações culturais têm tomado as cidades como cenário confirmando a visão otimista de Olalquiaga. No entanto estes episódios se colocam como transgressores na medida em que o Estado se nega a dialogar ou legalizar as ocupações tornando evidente a cidade como palco de conflitos. É o caso do Movimento de Ocupação de Espaços Ociosos¹³ (MAOU), um coletivo que reúne artistas das áreas de teatro, dança, artes plásticas, música, performance e circo, além de pequenos e médios produtores que desde 2011 discutem a ocupação de espaços públicos por coletivos artísticos. Nesse período foram feitos vários contatos com o Estado na tentativa de regularizar essa situação e criar contratos de comodato para a ocupação de espaços ociosos abrigarem ateliês de criação compartilhados, segundo as informações da página da internet do movimento. O grupo coloca em pauta a especulação imobiliária que se encarrega de comercializar estes solos ocupados por edificações antigas principalmente em áreas consideradas de alto potencial comercial. Sem uma resposta oficial o coletivo ocupou um casarão ocioso situado na Rua da Consolação esquina com a Rua Visconde Ouro Preto no centro de São Paulo e tem realizado exposições e espetáculos abertos à população.

O “Manifesto MAOU: RESISTIR para EXISTIR e registrar. Pelo direito de fazer história” (MAOU, 2011), em de 28 de dezembro de 2011, foi escrito quando a Incorporadora Teixeira Duarte comprou o imóvel de nº 132 na Rua Nilo, em São Paulo, ocupado pelo Coletivo 132. Apresentamos alguns extratos do manifesto deste movimento em que se vê a reação desses movimentos à especulação imobiliária predatória do atual modelo urbanístico:

Tempos modernos. A especulação imobiliária “evoluiu” para o canibalismo imobiliário. Essa criatura, híbrida da ganância e da insensatez, é dotada de um apetite voraz. Devora as entranhas de milhares de histórias, infinitos horizontes e espetaculares paisagens.

Os custos do empilhamento humano e do adensamento urbano são sempre compartilhados com os condenados, vítimas do extermínio acelerado do mínimo que nos resta de uma agonizante qualidade de vida. Em contrapartida os lucros acumulados com essa política predatória, invariavelmente, são concentrados em poucas mãos.

¹³ Site 'Ateliê Compartilhado Casa Amarela - Movimento de Ocupação de Espaços Ociosos'. Disponível em: <<http://ateliocompartilhado.wordpress.com/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

Naquelas que, abastecidas com o capital, fogem dos congestionamentos das vias térreas pelas vias aéreas. Se refugiam em paraísos privativos protegidos por toda a segurança que o dinheiro pode comprar. E nós pagamos o pato, os gatos e os ratos de injustiças que não são baratas.

[...]

O número 132 da rua Nilo, assim como quase duas dezenas de residências da mesma quadra, entrou para o cardápio de Natal da besta-fera. A resistência da(o) proprietária(o) do imóvel 132 deu uma sobrevida aos sonhos e aos projetos do coletivo que alugava a residência. A data limite para a entrega do imóvel foi definida pela Incorporadora Teixeira Duarte para o dia 30 de dezembro.[...]

A cidade muda.
O cidadão cala.
A especulação escala.
A natureza grita.
E o tempo??? URGE... R E A J A ! ! ! ! !

VENHA RE-EXISTIR COM A GENTE!!! (MAOU, 2011).



Figura 2: Flyer do MAOU. Fonte: MAOU, 2011.

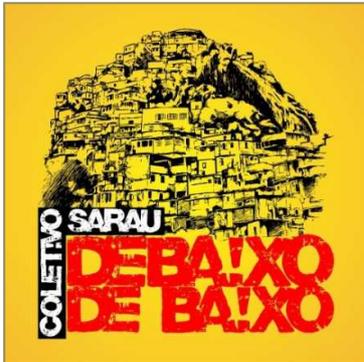


Figura 3: Flyer do Sarau de Baixo. Fonte: GOMES; SOUZA, 2014.

O coletivo “Sarau Debaixo”, em Aracaju, tem como proposta a ocupação do espaço urbano para apresentações artísticas das artes de rua, nos moldes do movimento britânico ‘*Reclaim the streets*’. Desde setembro de 2013 uma vez por mês o grupo ocupa o terreno embaixo de um importante viaduto da cidade, próximo a um terminal urbano e promove um sarau literário, artístico e musical no espaço público. O evento propõe um palco aberto no qual qualquer pessoa que quiser mostrar sua arte pode se apresentar. Na ideia do coletivo a proposta é de mostrar a “Arte de rua e poesia fora da gaveta e do facebook” (GOMES; SOUZA, 2014).

O jovem poeta Daniel Quintiliano traduz o conflito urbano na poesia 'Poesiracaju Geográfica (ou para mulher-caranguejo e homem-aratu):

Poesiaracaju Geográfica (ou para mulher-caranguejo e homem-aratu)

Poxim!
Seu Inácio
Pulou no rio
Enunca mais saiu.
Dona Maria,
De sua morada
Dita Formosa,
Foi a primeira dama
A abriu-se toda
Ao saber que o
Boêmio pescador
Foi se encontrar com o Senhor.
O João,
Pra ser Franco,
A disse
"não mangue
Mendigo e catador de
caranguejo
Vão lotar a Catedral
Tudo pra se despedir
De preto sem nome
Em nossa missa Semanal"
Rio! Rio sim – disse a menina
mulher.
Não tem que dar o caranguejo.
Tem que ensinar a catar!

Juntou logo uma trupe,
Batizou lá no alto da Colina
Pra Santo Antônio o saber
Que ela é mulher mais
Nobre
Do que Barão de Maruim.
Com umas 20 senhoras
Tudo entretidas nessas
políticas
De Aracaju Cidade- Futuro,
Qualidade de Vida,
Em tudo que foi
Shopping,
Jardins:
De galocha vamo entrar
Pel rio na Beira Mar
E catar caranguejo
Nós vamos tudo ensinar.
Vai ser num dia de
Domingo
Em homenagem a Jesus
Cristo
Que assim como o Inácio,
Foi pescador sofrido.
Se eu te contar, menino
O que que vem agora
Tu nem vai acreditar.

Tinha umas 20 senhoras,
Tudo no meio daquele mangue
Que elas ajudaram a matar
Postando selfie
No twitter
Enquanto lá ao fundo
Os caranguejos se levantavam
aos montes
Não sobrou nem aquela
dondoca
Que aos gritos de Basta!
Tentava espacar
Do levante dos Aratus.
A essa altura,
A Maré já tava cheia.
Numa pororoca só
Levantou povo,
Arara,
Caranguejo
Descendo o Morro
Mais os Urubus.
Foi tudo bem lindo de ver.
Azulinos e Colorados
Fazendo Sarau
Debaixo das pontes da Cidade
Da Zona Norte
A Zona Sul.

A alegria era tanta,
Que no Por do Sol
A Areia Branca
Se misturou as
Águas vermelhas
Do Matapuã
E o João
Que fazia stand up
Mais um bando
De Metidi era
Tudo levado
Pela Correntezas.
Povo,
Caranguejo,
Arara e Urubu,
Tavam tudo lá comendo
Caju
Enquanto gritavam
Em águas indígenas
Tudo numa língua só:
Vaza, Barris!
É tudo nosso,
Nada deles!
Daniel Quintiliano

Outro exemplo é a organização “Direitos Urbanos” que reúne um grupo de pessoas interessadas em política na cidade e preocupadas com os problemas de Recife. Tem atuado em campanhas de tombamento histórico de edificações e na discussão de leis municipais de uso do espaço urbano. Nas palavras do grupo:

Na maior parte do tempo, nossas discussões ficaram centradas no problema de como impedir que iniciativas, privadas ou do poder público, atentem contra o futuro do Recife como uma cidade mais justa e mais viva. E, ao menos que haja uma reviravolta na maneira de pensar dos nossos governantes, essa preocupação defensiva ainda deve persistir, ainda que não seja nossa intenção nos limitarmos a isso. Vários projetos já mostraram a capacidade da internet para conectar pessoas e ideias e mobilizar a força de uma inteligência coletiva para construir soluções. Participam do grupo pessoas bastante qualificadas de diversas áreas, com diferentes graus de experiência no setor privado ou nos governos, pessoas que aliam o conhecimento técnico com preocupação ética e social. O grupo é um lugar de intensa interdisciplinaridade, um lugar onde

arquitetos e engenheiros conversam com sociólogos e filósofos e operadores do Direito interagem com artistas plásticos e cineastas.
Fonte: DIREITOS HUMANOS, 2014.



Figura 4: Flyer do movimento Ocupe Estelita. Fonte: ROLNIK, 2014.

No blog do grupo estão reunidos documentos e informações sobre as ações agendadas. Desde 2013 a ação “Ocupe Estelita” tem sido o foco das atenções do grupo e disseminada pelas redes sociotécnicas. A ação visa debater e contrapor a proposta de intervenção no Cais Estelita da iniciativa privada que prevê a construção de 13 torres de até 40 pavimentos no local dos antigos armazéns do cais. O intuito nesse caso é questionar esse projeto que mais uma vez terá um caráter excludente da população do bairro e também o tombamento dos antigos armazéns. Empreendimentos desse porte desrespeitam o Plano Diretor e restringem o poder decisório de negociação ao Estado e às incorporadoras. O grupo propõe que tais projetos devem ser debatidos com a participação popular. Desde o mês de maio de 2014 o grupo que tem ocupado a área em protesto ao descaso dos órgãos públicos vem sofrendo ações truculentas da polícia para a reintegração de posse da área. Foi proposta uma ação civil pública pelo Ministério Público Federal requerendo a anulação do leilão que possibilitou a aquisição da área dos armazéns pelo 'Consórcio Novo Recife'. A sequência do movimento teve um final inusitado e feliz. Em 28 de novembro de 2015, a sentença do juiz Roberto Wanderley Nogueira determinou a restituição do patrimônio à União e anulou as aprovações do projeto nas várias instâncias municipais.

De acordo com o juiz, “não pode o coração da primeira República das Américas, filha do Recife e de Olinda, quedar subjugado à sanha patrimonialista da especulação imobiliária dos tempos contemporâneos. Há muito mais de valor histórico, paisagístico, ambiental, social e político a proteger que as economias, sempre sequiosas, dos afortunados de momento, não raro consorciados a setores do Poder Público.” (NOGUEIRA, apud ROLNIK, 2015).

A vitória não parou por aí com a notícia de que o IPHAN não vai recorrer da sentença que anula sua aprovação do projeto proposto pelas incorporadoras.

Decisões como essa apontam uma saída para as configurações desiguais. A colaboração de diversos setores no apoio técnico promoveu a legitimidade das reivindicações.

Estes episódios demonstram que a experiência urbana está se desenvolvendo na direção do questionamento da forma de ocupação das cidades criando um espírito cidadão. São experiências de caráter colaborativo e transgressor no ambiente urbano que têm inspirado arquitetos e artistas interessados em desenvolver um novo meio de se produzir espaços na cidade. São práticas relacionadas à teoria da estética relacional do curador e crítico de arte Nicolas Bourriaud que aponta a prática artística hoje como “um campo fértil de experimentações sociais, como um espaço parcialmente poupado à uniformização dos comportamentos.” (BOURRIAUD, 2009, p. 13). Para o autor a experiência artística traz uma abertura para a discussão ilimitada e devolve a sensação de proximidade no espaço público na cidade assim como a experiência do tangível desenvolvendo a elaboração coletiva do sentido. Seria a “Dingpolitik” proposta por Bruno Latour (2005): quando a política não se limita à cúpula decisória, mas na assembleia de comunidades agregadas por interesses comuns. E, segundo Soja (2008) a cidade democrática é uma conquista permanente, um campo aberto de confrontação de valores e interesses, um desafio à inovação política, à imaginação urbanística e à mobilização cívica.

2. CONCLUSÃO

A pesquisa realizada a partir da leitura das cartas e documentos da UNESCO/UIA, da ENHSA, da ABEA e do ARCUSUR foi fundamental para a sistematização dos quatro eixos temáticos que fundamentam a base na formação do arquiteto do século XXI: a consciência social, os cuidados com o meio ambiente, o uso da informática/redes de conhecimento e a interculturalidade / mobilidade.

O eixo temático ‘consciência social’ que está presente em todos os documentos é identificado nos movimentos sociais que propõem um modelo colaborativo de gestão das cidades. Cada vez mais frequentes estes movimentos apresentam uma proposta de resistência à ocupação indiscriminada do espaço urbano pelos empreendimentos imobiliários excludentes. Os resultados positivos começam a surgir e, portanto, este tema deve ser reconhecido pela academia incorporando-o nos projetos pedagógicos dos cursos de arquitetura e urbanismo. Sua ausência no ensino, na pesquisa e na extensão pode conotar um atraso na formação profissional do futuro arquiteto que irá se deparar com esta nova dinâmica urbana. Um exemplo relevante é o movimento Ocupe Estelita em Recife (PE). Idealizado por moradores sensibilizados no direito de participação nas decisões urbanas obteve resultados positivos na reconquista da cidade.

REFERÊNCIAS

ABEA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE ARQUITETURA. Disponível em: <<http://www.abea.org.br>>. Acesso em: 28 mai. 2014.

_____. **Proposta de alteração da resolução CNE/CES nº2/2010 que institui as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em arquitetura e urbanismo**. Goiânia, 2013. Disponível em: <http://www.abea-arq.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Proposta_Altera_Diretrizes.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2014.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; VAINER Carlos B.; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando conceitos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ARCUSUL - **Acreditação Regional de Cursos Universitários MERCOSUL. Efeitos e alcance da acreditação.** Disponível em: <<http://arcusul.mec.gov.br/index.php/pt-br/descricao/126-efeitos-e-alcance-da-acreditacao>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

BEAUTIFUL TROUBLE. **Case study: Reclaim the streets.** Disponível em: <<http://beautifultrouble.org/case/reclaim-the-streets>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

BISKY, Jens. **Berlin: a profile.** Newspaper Essay. Berlin, nov. 2006. Disponível em: <http://downloads.lsecities.net/0_downloads/Berlin_Jens_Bisky_2006-Berlin_A_Profile.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2014.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARRANZA, Luiz E. e LARA, Fernando Luiz. **Modern Architecture in Latin American: Art, technology and utopia.** Austin: University of Texas, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DIREITOS URBANOS | Recife. **Porque a cidade é feita pelas pessoas.** Disponível em: <<https://direitosurbanos.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

ENHSA - EUROPEAN NETWORK OF HEADS OF SCHOOLS OF ARCHITECTURE. **Towards a competences based architectural education: Tuning architectural education structures in Europe, 2007.** Disponível em: <www.unideusto.org/tuningeu/>. Acesso em 12 jul. 2012.

GOMES, Geilson; SOUZA, Aldaci de. **Sarau Debaixo: poesia para rebater o barulho da cidade.** Infonet, 21 jan. 2014. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/cultura/ler.asp?id=153720>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

HARVEY, David. A liberdade da cidade in **Cidades Rebeldes** [recurso eletrônico]: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil / Ermínia Maricato ... [et al.]. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013.

JACQUES, Paola Berenstein. Notas sobre espaço público e imagens da cidade. **Arquitextos**, ano 10, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

LATOUR, Bruno; WEIBEL, Peter. **Making Things Public-Atmospheres of Democracy.** catalogue of the show at ZKM, MIT Press, 2005.

LIMONAD, Ester. Estranhos no paraíso (de Barcelona): Impressões de uma geógrafa e arquiteta brasileira residente em Barcelona. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 10, n. 610, 25, 2005. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-610.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

MAOU - Movimento Artístico de Ocupação Urbana. **Manifesto MAOU: Resistir para existir e registrar. Pelo direito de fazer história.** 28 dez. 2011. Disponível em: <<https://dialeticasensoriais.wordpress.com/2011/12/28/manifesto-maou-resistir-para-existir-e-registrar-pelo-direito-de-fazer-historia/>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

MOUFFE, Chantal. Artistic Activism and Agonistic Spaces. **Art & Research. A Journal of Ideas, Contexts and Methods**, v. 1, n. 2, Glasgow School of Art, 2007. Disponível em: <<http://www.artandresearch.org.uk/v1n2/mouffe.html>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

ROLNIK. Raquel. **Vitória do Movimento Ocupe Estelita, desafio para nossas cidades.** Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/blogs/habitat/vit%C3%B3ria-do-movimento-ocupe-estelita-desafio-para-203345808.html>>. Acesso em 04/12/2015.

SISTEMA ARCUSUR - Sistema de Acreditación Regional de Carreras Universitarias para el MERCOSUR. **Criterios e Indicadores para la Acreditación Regional de Carreras de Grado de Arquitectura.** Comisión Consultiva de Expertos de Arquitectura del MERCOSUR, 2008. Disponível em: <<https://www.cnachile.cl/Documentos%20Arcusur/criteriosarq.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

SOJA, Edward W. **Postmetrópolis: Estudios críticos sobre las ciudades y las regiones.** Madrid: Traficantes de Sueños, 2008.

UIA. **UIA and Architectural Education: Reflections and recommendations.** 2011. Disponível em: <<http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/babel/textos/uia-education-2011.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

UIA/UNESCO. **Carta para Formação dos Arquitetos.** Edição Revisada. Tóquio, 2011. Disponível em: <<http://www.abea-arq.org.br/wp-content/uploads/2013/03/Carta-UNESCO-UIA-2011.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

_____. **Charter for Architectural Education.** 1996. Disponível em: <<http://www.unesco.org/most/uiachart.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2012.